

PREFÁCIO

Este belo trabalho do escritor paulista Cassiano Nunes, boníssimo professor e poeta, ocupa lugar privilegiado na extensa validade de sua obra. Escrito na juventude, foi publicado em 1947 no Rio de Janeiro – edições da CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL, livraria-editora com larga folha de serviços prestada na área de conferências e ensaios muito precisos ao conhecimento da cultura lusófona.

Marco histórico entre os títulos numeráveis do autor, este – em “Preâmbulo Necessário” – evoca a grandeza e verdade substancial de Rainer Maria Rilke quando o poeta observa que *“a glória de um homem não passa de um encadeamento de equívocos e de mal-entendidos em torno do seu nome, pois quase sempre a superficialidade das multidões guarda dos grandes vultos humanos o que eles tiveram de mais exterior e anedótico”*. E, com toda a profundidade, passa a dissertar sobre a mesquinhez e contrafações que a crítica da época assacou contra Eça de Queirós, sem exclusão de grandes nomes coevos. Passa então à avaliação circunstanciada da alta qualidade dessa ficção, que refletiu a realidade portuguesa em sua evolução histórica e social, verberando os malfeitos, mas também com a exaltação cheia de ternura pelas virtudes assinaladas que tão bem caracterizam o gênio popular, manifesto no comportamento sadio da zona urbana ou rural. E, assim, se há indicações da caricatura com que personagens povoaram as páginas de tais ficções, o que persiste é o painel real que propõe o pincel naturalista do romancista em análise crítica e configuração estética, sempre movida pelo amor pátrio. Neste sentido, Cassiano Nunes revela-se um monitor feliz e criterioso a conduzir-nos pelos meandros de um fazer estético marcado de beleza e verdade. De modo que não nos furta igualmente a simpatia e fascinação pelo Eça, também festejado em nosso país na exata medida de sua mestria e sinceridade.

Importa ressaltar quanto a transparência poética de Cassiano Nunes enriquece a visão ensaística. De sua poesia pouco extensa, mas densa e coesa, cumpre destacar duas peças que, por si só, o situam a par de Manuel Bandeira e Mário Quintana, na formação de um trio revelador da magia miraculosa em lirismo trespasado de simplicidade e humilde precisão. Num dos poemas, “Mistério da Noite”, o impulso

erótico desdobra a metáfora em que natureza e ideia fixam a imagem de um valor abstrato. A volúpia eteriza a beleza concreta. São os versos:

Pelas florestas da noite,
Vago, escoteiro.

Junto de escura moita,
Suavemente inquisitivo,
Espreita-me um cervo.

Nas trevas,
Boiam lanternas,
E persistem fixos
Olhares fosforescentes.

A noite é inteiramente semafórica!

Interpreto a sua mensagem cifrada,
E submerjo na volúpia.

“Blue” guarda implícita a biografia do poeta e, em referências breves, grifa o que o singulariza. Três versos no fim, com a singela súplica do perdão o autor se reconhece humildemente irrepetível.

Versos como os que escrevi,
Outros escreverão.

Canções, como as que cantei,

Outros cantarão.

Já me substituiu

Artesão mais hábil

na oficina.

Outras bocas te revelarão

volúpia mais fina.

Perdoem-me

pela parcela mínima

- porém única! –

que não se repetirá.

Com tal precisão e brilho, na certa, temos em Cassiano um guia seguro e puro pedagogo que nos abre caminhos em *O lusitanismo de Eça de Queiroz*.

No fim, o local se universaliza e, ao somar experiências, nomes ou situações, já na distinção de equívocos, longe ou perto de Portugal aberto ao mundo, descobre (como na voz do Eça) o que nele é intemporal e intangível.

José Santiago Naud

Abril, 2013

PÓS-FÁCIO

Se Cassiano Nunes é melhor ensaísta do que poeta, é a oportunidade de comprovar esta afirmativa, publicando-lhe os Ensaaios, hoje tão somente em folhetos esgotados à espera de publicação. Com a presente edição do livro *O LUSITANISMO DE EÇA DE QUEIRÓS*, de 1947, pela Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, sua estreia como crítico literário, inicia-se a publicação de parte importante de sua obra em prosa. Também esgotada está a sua poesia.

A importância maior deste ENSAIO talvez seja a essência lusa que substancia o homem Cassiano Nunes Botica. As camadas do escritor, ensaísta e poeta acomodam-se sem sismo de calotas, as suas origens, formação cultural e literária. Seus pais, Senhor José Nunes Botica e Dona Capitolina da Silva Nunes são de TOMAR, cidade manuelina, culta e bela à sombra dos choupos que margeiam o Nabão. Este pitoresco rio atravessa a cidade de antiguidades romanas e visigodas da região da Nabância, fato importante para Cassiano Nunes, escritor inspirado e culto e de grande erudição.

O LUSITANISMO DE EÇA DE QUEIRÓS, de Cassiano Nunes, é o seu primeiro ensaio publicado. Não se trata, no entanto, de um trabalho de iniciante. Cassiano já vinha escrevendo e publicando na TRIBUNA de Santos, desde os 16 anos num contínuo até sua morte. Portanto, foi como jornalista que nosso polígrafo iniciou sua obra. Neste jornal de Santos ele foi repórter, redator, diretor e revisor competentíssimo, competência, aliás, observada em toda a sua obra de escritor sem desníveis. Quanto a isso pode-se observar um certo rigor de estruturação do discurso crítico. Cassiano observa a clássica metodologia das três partes. Numa primeira parte de analogia à que ele chama preâmbulo ele situa o tema apresentando Eça de Queirós sob possíveis críticas dos seus compatriotas. E Portugal do século XIX perpassa na criação literária eciana.

Assim bem substanciada na realidade, no retrato do País, a lusitanidade de sua gente e de sua terra são confrontadas com culturas “modernas” e importadas vai-se delineando a espelhar-se na crítica dolorida do nacionalismo de Eça de Queirós, na parte final à qual não se ressentiu de emoção e, porque ao dizer, de amor com acentuado patriotismo.

É, portanto bastante significativo, publicar *O Lusitanismo de Eça de Queirós*, não somente por sua importância de obra premiada e cronologicamente o primeiro livro do ensaísmo cassiano e significativo também para o enriquecimento da literatura brasileira moderna e contemporânea. Fato significativo e o Prêmio Cassiano Nunes-2011, do Concurso Nacional de Ensaio, cujos membros da Comissão Julgadora recomendam, de certa forma, reedição de ensaios do escritor e poeta Cassiano Nunes.

“E sempre reverencia Monteiro Lobato”.

“Tudo considerado, concluí-se:”

que o ensaio sobre a obra poética de Cassiano Nunes reassegura nova trajetória crítica do poeta santista.

Urge restabelecer contato íntimo com a poesia e a prosa do escritor.

Para que o meio universitário do país deve aparelhar-se para reintroduzir todos os escritores e descobertas de Cassiano Nunes no campo de estudos superiores.

A parafáse de ajuizamento ao Prêmio Cassiano Nunes 2011 resume afirmações de dois outros membros. O da Dra. Eliane Vasconcellos – Fundação Casa de Ruí Barbosa, Rio de Janeiro e o do Professor Dr. João Vianney, da Pós-graduação do Instituto de Letras – Universidade de Brasília: “O ensaio é sem dúvida alguma uma contribuição para a poética de Cassiano Nunes, pois ele nos faz penetrar mais minuciosamente no mundo poético do professor da UnB, pois, como afirma o autor, *fazer poesia, para esse artista, foi criar maneiras de viver (em) Brasília*”.

Como conclusão veja-se essa espécie de *abstract* do Ensaio:

“Nos dois capítulos que se seguem analisarei o lusitanismo de Eça de Queirós. No primeiro, a visão que Eça de Queirós teve da sua terra e da sua gente. No segundo, a sua ação como homem, escritor e patriota”.

Maria de Jesus Evangelista
Curadora ECN
Abril, 2013